

CASTANHEIRA, D. Sociofuncionalismo: caminhos na interface variação-discurso. *Revista Falange Miúda (ReFaMi)*, ano 3, n. X, jan.-jun., 2018.

## SOCIOFUNCIONALISMO

Caminhos na interface variação-discurso

Dennis CASTANHEIRA<sup>1</sup> (UFRJ)

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo geral discutir possíveis caminhos teóricos e metodológicos na interface variação e discurso numa visão sociofuncionalista a partir de trabalhos sobre a Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, [1968] 2006; LABOV, [1972] 2010; LABOV, 2010), o Funcionalismo Norte-americano (GIVÓN, 1990; 1995) e o Sociofuncionalismo (TAVARES, 2003; 2013; MAY, 2009; GÖRSKY; TAVARES, 2013; TAVARES; GÖRSKY, 2015; CEZARIO; MARQUES; ABRAÇADO, 2016). São apresentados, também, exemplos e possíveis temas de análise.

**PALAVRAS-CHAVE:** sociofuncionalismo; variação; discurso

### 1. PRIMEIRAS PALAVRAS

Este artigo, de cunho teórico, tem como objetivo geral discutir a (im)possibilidade de articulação teórica e metodológica entre a Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, [1968] 2006; LABOV, [1972] 2010; LABOV, 2010) e o Funcionalismo Norte-americano (GIVÓN, 1990; 1995). Ou seja, visamos ao debate do “casamento” sociofuncionalista (TAVARES, 2003; 2013; MAY, 2009; GÖRSKY; TAVARES, 2013; TAVARES; GÖRSKY, 2015; CEZARIO; MARQUES; ABRAÇADO, 2016), abordagem que vem recebendo cada vez mais destaque nos estudos linguísticos recentes.

Para isso, recorremos a textos sobre ambas as correntes e também a outros que já discutem a (im)possibilidade de existência de um Sociofuncionalismo. Além disso, buscamos exemplificar como articular as duas teorias a partir de um fenômeno de variação morfossintática: ordenação de advérbios temporais e locativos. Apontamos, ainda, para outras possibilidades temáticas na articulação sociofuncionalista.

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro  
v. 3, n. 1, jan.-jun., 2018



## 2. SOCIOFUNCIONALISMO: TRAJETÓRIA E ALGUMAS DEFINIÇÕES



Segundo May (2009) e Görsky e Tavares (2013), os estudos sociofuncionalistas vem sendo desenvolvidos no Brasil há décadas. Desde os anos 1980, várias pesquisas têm sido realizadas articulando a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo Norte-americano na análise de fenômenos de variação e mudança linguística. No âmbito do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, vários trabalhos foram desenvolvidos estudando fenômenos variáveis e observando, também, questões discursivas. Cezario, Marques e Abraçado (2016) destacam estudos de autores como Vera Paredes Silva, Maria da Conceição de Paiva e Maria Luiza Braga para exemplificar algumas das pesquisas unindo a Teoria da Variação e Mudança e o Funcionalismo.

Esses trabalhos, embora não versassem necessariamente sobre a articulação entre as duas teorias, já efetuavam sistematicamente o “casamento” aqui exposto, fazendo as necessárias opções teóricas e metodológicas. Pesquisas posteriores, contudo, começaram a explicitar de forma sistemática a (im)possibilidade de articulação entre Sociolinguística e Funcionalismo, considerando a necessidade de determinadas adaptações a partir de algumas “perdas” e de alguns “ganhos”. May (2009, p. 70) ressalta que “essa aproximação teórica tem sido debatida com mais fôlego” nos últimos anos, caminhando para “uma conversa na diferença”.

A Sociolinguística Variacionista é caracterizada pelo estudo da variação e da mudança linguísticas a partir de uma metodologia bem delimitada, unindo fatores estruturais, semânticos e sociais (LABOV, [1972] 2010; LABOV, 2010). Variáveis independentes como faixa etária, escolaridade e classe social são focalizadas em pesquisas variacionistas a partir da análise de exemplos reais de uso. Temas como concordância verbal e nominal, colocação pronominal, ordem de palavras e uso de pronomes são bastante explorados pela Teoria da Variação e Mudança. A observação da entrada de elementos na língua a partir do processo de mudança linguística também um aspecto bastante relevante.

Já o Funcionalismo Norte-americano é tido como uma teoria linguística que estuda exemplos reais de uso a partir de seus aspectos discursivos. Análises funcionalistas consideram a relação entre a estrutura linguística e seus contextos de uso a partir de temas como transitividade, iconicidade e marcação (cf. GIVÓN, 1990; 1995). A mudança linguística também é um ponto relevante nos estudos funcionalistas a partir da investigação da gramaticalização em diferentes línguas. Aspectos sociais também podem ser utilizados em pesquisas funcionalistas, bem como questões interacionais, fonológicas e morfossintáticas.





### 3. A “CONVERSA NA DIFERENÇA”

A articulação entre essas duas teorias linguísticas poderia levar ao questionamento da possibilidade de ambas serem, em alguma medida, incompletas. Contudo, a defesa dos autores sociofuncionalistas envolve um terceiro caminho a ser percorrido em que são consideradas questões da Teoria da Variação e do Funcionalismo, mas há uma tentativa de efetuar uma terceira proposta, “uma terceira via de abordagem” (GÖRSKY; TAVARES, 2013, p. 81). Nessa perspectiva, princípios sociolinguísticos são enriquecidos por considerações funcionalistas, levando a uma perspectiva que mistura questões de ambas as vertentes a partir de um hibridismo teórico.

Görsky e Tavares (2013) problematizam esse “casamento teórico” a partir de duas questões: (a) o posicionamento “anti-funcional” adotado por Labov em alguns de seus textos, o que não permitira, para autores como Camacho (2003), alinhar essas duas perspectivas; (b) a visão biunívoca entre forma e função, como proposto no princípio da iconicidade em sua versão mais radical, em que cada forma tem uma função específica. Sob essas perspectivas, não seria possível alinhar variação e discurso nem numa abordagem sociolinguística nem numa abordagem funcionalista.

Em busca da articulação teórica sociofuncionalista, as autoras defendem que William Labov usa o termo “gramática” num sentido amplo, incluindo fonologia, léxico e organização semântica, o que indicaria ser possível trabalhar a variação além do nível linguístico, incluindo, portanto, fenômenos variáveis de natureza funcional. Ao mesmo tempo, elas argumentam que Givón (1995) propõe um afrouxamento na relação biunívoca entre forma e função, apontando para uma iconicidade gradiente e recuperável diacronicamente, o que abre espaço para o estudo da variação, já que haveria a possibilidade de mais de uma forma para uma mesma função. Em publicação recente, por exemplo, Labov (2010) remete a autores funcionalistas como Bernd Heine, Paul Hopper, Tania Kuteva e Elizabeth Traugott para defender que a variação pode ser estudada em níveis além do fonético-fonológico, citando os estudos de gramaticalização.

Na verdade, as autoras apontam que há a necessidade de fazer algumas opções





metodológicas e teóricas, “sinalizando”, ora mais para um caminho, ora mais para outro e não apenas “somando” as duas teorias. Ou seja, para efetuar uma análise sociofuncionalista, é preciso considerar algumas “perdas” como o enfraquecimento do princípio da iconicidade e alguns “ganhos” como a expansão do conceito de variação. É preciso ressaltar, contudo, que essas questões já foram discutidas por autores clássicos de ambas as correntes teóricas. Ou seja, “o sociofuncionalismo é uma perspectiva viável de pesquisa, que em seu hibridismo possibilita uma aplicação não estanque, maleável de acordo com o objeto e com os objetivos de pesquisa que se apresentam a esse novo tipo de ‘linguista camaleão’” (MAY, 2009, p. 71-72).

Assim, os autores sociofuncionalistas argumentam que a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo Norte-americano podem ser articulados. Para isso, eles defendem, além das necessárias considerações e adaptações a serem feitas, que há muitos pontos de contato basilares entre as duas teorias: prioridade da análise da língua a partir de seus diferentes usos; visão de língua como entidade heterogênea, sujeita a variação e mudança; destaque para a mudança linguística como processo gradual e contínuo; complementariedade entre dados sincrônicos e diacrônicos para maior refinamento dos resultados; crença no princípio do uniformitarismo, em que as mesmas forças linguísticas e sociais atuam no passado e no presente nos processos de variação e mudança; análise de diferentes níveis da língua (fonológico, morfológico, sintático, semântico); relevo para a frequência de ocorrências como índice de difusão sociolinguística e fator funcional fundamental para o estabelecimento e a manutenção da gramática; relação íntima entre língua e sociedade; relevância de fatores interacionais na variação e na mudança (cf. GÖRSKY; TAVARES, 2013; TAVARES, 2013; TAVARES; GÖRSKY, 2015).

Dessa forma, há “vários pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística e do Funcionalismo que guardam semelhança e, assim, podem ser relacionados para o estudo de fenômenos de variação e de mudança linguística” (GÖRSKY; TAVARES, 2013, p. 88). Esses pontos de contato, contudo, não indicam que esse “casamento” não apresente alguns possíveis problemas como expusemos anteriormente. No entanto, parece um consenso entre os teóricos da área que o caminho é buscar a “conversa na diferença”, já que “não é necessário que as diferenças sejam interpretadas como alternativas excludentes, como impossíveis de serem tópicos de uma conversa comum” (PIRES DE OLIVEIRA *apud* TAVARES, 2003).

#### 4. QUESTÕES METODOLÓGICAS NA PESQUISA SOCIOFUNCIONALISTA





Görsky e Tavares (2013) buscam discutir não só questões relacionadas à articulação teórica envolvida na proposta sociofuncionalista, mas também a aspectos metodológicos pertencentes a esse “casamento” a partir de pesquisas já desenvolvidas à luz dessa perspectiva. As autoras defendem que pressupostos funcionalistas auxiliam na elaboração de hipóteses para análise da variação, tendo em vista que “numa perspectiva sociofuncionalista, os resultados quantitativos e qualitativos obtidos são explicados através de princípios e motivações de natureza cognitivo-comunicativa (...) além de princípios e motivações de natureza sociocultural e estilística” (TAVARES, 2013, p. 38). Para May (2009), em perspectiva sociofuncional, tanto os grupos de fatores a serem utilizados na análise como o objeto de pesquisa podem envolver níveis mais discursivos.

Tavares (2013) aponta que a metodologia sociofuncionalista engloba a testagem de grupos de fatores diversificados para identificação de contextos que possam ser relacionados ao uso de determinada variante. Nesse âmbito, são considerados aspectos linguísticos, discursivos, estilísticos e socioculturais. Ou seja, podem ser utilizados como fatores de análise aspectos sociais (faixa etária, sexo, escolaridade, classe social) ou pragmático-discursivos (iconicidade, marcação, paralelismo).

Görsky e Tavares (2013) defendem, ainda, que metodologicamente, o Funcionalismo auxilia análises sociolinguísticas ao trazer maior refinamento de grupos de fatores linguísticos diante da inclusão de restrições discursivas como planos discursivos, estatuto informacional e graus de integração. Esses aspectos podem ser analisados qualitativamente, de forma escalar, e posteriormente amalgamados em análises quantitativas. Os aspectos sociais também podem ser observados metodologicamente a partir de fatores ligados à negociação entre os participantes da interação. Ou seja, análises sociofuncionalistas podem congrega o tratamento discreto dado sob perspectiva quantitativa e a perspectiva mais próxima a um *continuum* de categorias.

A união metodológica dessas teorias, então, é possível, pois ambas são baseadas em dados empíricos a partir, muitas vezes, de quantificação estatística. Tanto a Sociolinguística Variacionista como o Funcionalismo linguístico consideram a frequência como um fator relevante para difusão da mudança, o que pode ser observado a partir da difusão social de novas formas da língua em diferentes contextos de uso. Estão envolvidos, portanto, “um imbricamento de convergências e não convergências, conceitos, termos, proposições, interpretações, explicações, metodologias, intertraduções, enfim, temos propostas de casamento diversas” (TAVARES, 2003, p. 146).



## 5. TEMAS DE ANÁLISE



Apresentaremos, nesta seção, algumas possibilidades de estudo numa vertente sociofuncionalista. O primeiro exemplo envolve a ordenação de adverbiais temporais e locativos na oração. Diversas pesquisas têm atestado que os circunstanciadores apresentam posição variável e que tal posicionamento não é aleatório, mas motivado por grupos de fatores morfossintáticos e discursivos como posição do sujeito, papel semântico do advérbio, função pragmática do circunstancial, gênero textual, etc.

Alguns exemplos, todos coletados do *Corpus Discurso & Gramática* da cidade do Rio de Janeiro, podem ser vistos a seguir:

(1) “interessante? uma vez... minha irmã foi pra Paquetá com os amigos... aí eles alugaram bicicleta lá e resolveram... conhecer a ilha... aí ficaram andando na beira da praia... só que aí acabou a praia... eles resolveram entrar numa outra rua... pra ver se saía do outro lado... né? Aí eles acabaram se perden::do...” (*Corpus Discurso & Gramática* – Narrativa recontada).

(2) “Tenho duas filhas a mais velha está com seis anos. Não pretendia ter mais filhos, quando voltei a estudar, mas como os anticoncepcionais estavam me fazendo mal tive que interromper, nessa interrupção é que eu engravidei da minha segunda filha, mas mesmo assim continuei a estudar, terminando assim o meu segundo ano. Quando a minha caçula nasceu fiquei em casa um mês voltando a escola **em maio de 92**, mas infelizmente não pude continuar, pois estava amamentando e não tinha encontrado ninguém para tomar conta das minhas filhas” (*Corpus Discurso & Gramática* – Narrativa Pessoal).

(3) “olha... o/ primeiramente você tem que... marcar... fazer... a localização toda do... do ponto de luz... do... do interruptor... né? e::... você pega um fi... um fio próprio pra isso... que é o fio termoplástico rígido de... de um... um vírgula cinco milímetros quadrados... e liga... né? no... **no interruptor** tem uma ponte que li/que você vai ligar o fase... né? no caso teria que ter uma ponte pra ligar... de... de um lado o interruptor e pra... pra outro... e liga dois neutros... fica dois neutros que vai direto pro ponto de luz... saindo com volta... ligando com ( ) e vem até... o... receptáculo... que você emenda... e faz a::/ coloca a lâmpada... e dá pra... acender... sai tudo normal...” (*Corpus Discurso & Gramática* – Narrativa Pessoal).





Ao observarmos esses exemplos, podemos perceber, primeiramente, que os advérbios destacados apresentam diferentes posições na oração: os circunstanciadores em (1) e (2) estão no final da oração (margem direita) e o advérbio em (3) está no início da oração. Ou seja, eles envolvem um padrão morfossintático variável.

Caso observemos sob um ponto de vista discursivo, focado em aspectos pragmáticos, podemos dizer que eles apresentam diferentes papéis na construção da situação comunicativa. O primeiro – “lá” – retoma “pra Paquetá”, algo que fora dito anteriormente, ou seja, tem papel anafórico; já o segundo advérbio – “em maio de 92” – auxilia na construção de uma sequência temporal com “um mês”; o terceiro – “no interruptor” – estabelece a introdução de um subtópico no discurso, um novo assunto dentro do que está sendo dito. Ou seja, os três apresentam funções discursivas diferentes.

Numa análise sociofuncionalista, deve haver a busca de relacionar aspectos variáveis – como a ordenação de advérbios temporais – e suas funções no discurso, observando em que medida eles podem ser correlacionados. As pesquisas sobre a temática demonstram que, quando o advérbio tem um papel discursivo que não se limita a estabelecer tempo ou lugar (anáfora, sequência temporal, contraste), ou seja, uma função na macroestrutura textual, ele tende a ocupar a margem esquerda da oração como o exemplo (3).

Para saber mais sobre a temática e observar como estudos recentes têm lidado com esse tema sob perspectiva sociofuncional, podem ser consultados textos como Gomes (2006) e Paiva (2008; 2014). Outros temas que podem ser analisados à luz do Sociofuncionalismo são: posição do sujeito (SV/VS); estratégias de relativização; (não)preenchimento do pronome sujeito; posição de orações; uso de preposições em verbos transitivos diretos; uso de conjunções; uso de futuro simples e perifrástico; gramaticalização de conectores; uso de complexos verbo-nominais; uso de alguns pronomes em variação com outros (“nós” e “a gente”, por exemplo) (cf. TAVARES, 2003; MAY, 2009; GÖRSKY; TAVARES, 2013; TAVARES, 2013; TAVARES; GÖRSKY, 2015; CEZARIO; MARQUES; ABRAÇADO, 2016).

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo, então, buscou relacionar as abordagens da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo Norte-americano, demonstrando algumas opções que devem ser feitas na análise sociofuncionalista e apresentando como é possível articular essas teorias a partir de alguns





exemplos. Demonstramos que o Sociofuncionalismo é uma abordagem possível e bem amparada teoricamente, tendo em vista que busca uma “terceira linha” de trabalho, articulando questões já discutidas por autores das teorias em que se baseia a partir de uma “conversa na diferença”. O papel dos estudos sociofuncionalistas é estudar a variação e a mudança a partir de questões sociais e discursivas, unindo pressupostos de ambas as teorias em seu arcabouço teórico. Essa abordagem vem ganhando cada vez mais força no Brasil e tem sido cada vez mais discutida, levando a novos estudos e a maior sistematização teórica e metodológica, demonstrando como é possível articular a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo Norte-americano com as necessárias adaptações, mas sem descaracterizar ambas as abordagens.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMACHO, R. G. O formal e o funcional na teoria variacionista. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (orgs.). **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7Letras/ FAPERJ, 2003. p. 55-65.

CEZARIO, M. M.; MARQUES, P. M.; ABRAÇADO, J. Sociofuncionalismo. In: MOLLICA, M. C.; FERRAREZI JR, C. **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2016.

GIVÓN, T. **Syntax: a functional-typological introduction**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1990.

GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GOMES, D. K. **A ordem dos circunstanciais temporais e locativos em cartas dos séculos XVIII e XIX**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa.

GÖRSKY, E. M.; TAVARES, M. A. Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. **Revista do GELNE**, v. 15, p. 75-97, 2013.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. M. Bagno, M. M. Scherre e C. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LABOV, W. **Principles of linguistic change: cognitive and cultural factors**, vol. 3. Oxford: Blackwell, 2010.

MAY, G. Discutindo o papel do funcional no sociofuncionalismo. **Working papers in Linguística**, 10 (2): 69-79, Florianópolis, jul. dez., 2009.

PAIVA, M. C. Ordem não-marcada de circunstanciais locativos e temporais. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. **Anthony Julius Naro e a Linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. p. 254-264.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista**. 2003. Tese (Doutorado em Linguística), UFSC, Florianópolis,



2003.

TAVARES, M. A.. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. **Interdisciplinar**: Revista de Estudos em Língua e Literatura, v. 17, p. 27-47, 2013.

TAVARES, M. A.; GÖRSKI, E. M. Variação e sociofuncionalismo. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Org.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 249-270.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria de variação e mudança linguística**. Trad. M. Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

ReFaMi



#### Sobre o autor

Graduado em Licenciatura em Letras (Português/Literaturas) com dignidade acadêmica "Magna cum laude" e Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (Dissertação de Mestrado: Uso de adverbiais modalizadores e sua abordagem em livros didáticos de ensino médio: reflexões e propostas de atividades - linha de pesquisa Modelos Funcionais Baseados no Uso) . Atualmente, é Doutorando em Língua Portuguesa, também na UFRJ, desenvolvendo sua Tese de Doutorado vinculada à linha de pesquisa Língua e ensino. Atua, na mesma universidade, como Professor Temporário do Setor de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas, ministrando aulas nos cursos de Letras e Comunicação Social. Integra o Grupo de Estudos Discurso & Gramática e o Grupo de Pesquisa em Linguística de Texto. Tem publicado suas pesquisas em periódicos especializados e livros. Áreas de interesse/ atuação: Texto/ discurso, sintaxe funcional, ensino de português e perspectivas de interface.